

INCLUSÃO CURRICULAR: UM RECORTE DA SALA DE RECURSOS

Anacleide Abreu Trajano Silva

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

anacleide-@hotmail.com

RESUMO

O artigo apresenta as visões de outro campo de atuação pedagógica: a sala de recurso. Proposta pensada almejando principalmente a constituir-se como uma experiência rica aos estudantes do curso de pedagogia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, que cursaram a disciplina “Metodologia e Prática da Educação Especial”, de modo a contribuir para a formação pessoal e profissional. Nesse ponto admitem-se as lacunas existentes entre a docência na sala regular de ensino e o trabalho pedagógico desenvolvido no Atendimento Educacional Especializado – AEE dentro da escola, por isso, a necessidade de articular a presença dos estudantes para conhecimento da realidade da sala de recurso, bem como os desafios que a ela são incorporados mediante a disponibilização dos recursos materiais, humanos, organizacionais, institucionais e políticos e ainda nos relacionamentos interpessoais de trabalho. Podemos concluir que o trabalho realizado pelos profissionais que atuam com a educação especial, é de total importância para permanência deste público na escola, mas não havendo cooperação entre as partes envolvidas, o potencial de aprendizagem desses indivíduos não serão plenamente valorizados, pois não estarão acompanhando juntos o desenvolvimento cognitivo dos alunos com necessidades especiais. Desta forma, urge que os que os futuros profissionais de educação desde a graduação possam ter a experiência de conhecer o trabalho realizado na sala de recursos, a fim de que não se continue a perpetuar a missão milagrosa e individual dos profissionais que atual com o AEE, nem levantar preconceitos.

Palavras-chave: Currículo. Formação inicial. Atendimento Educacional Especializado.

INTRODUÇÃO

O curso de licenciatura em pedagogia da Universidade Federal do Maranhão é dotado de estágios curriculares, estes são responsáveis por integrar os conhecimentos teóricos aos conhecimentos práticos em qualquer área de estudo. No entanto, ao adentrarmos o espaço da sala de aula percebemos que a dificuldade não se concentra em apenas pensar os contextos de aprendizagem, mas saber adequar-se ao trabalho com um público-alvo multidiversificado, com contextos sociais, culturais, políticos, religiosos, biológicos e econômicos diferenciados.

Deste modo, a educação especial também entra pauta, e revela-se tão importante quanto qualquer outro assunto, tendo em vista a sua atuação lidar com um indivíduo desde a o início até o fim da vida. E como nos cabe aqui estar atento a todas as questões que envolvem a educação, importa-nos o estudo desse atendimento a pessoas com necessidades educacionais especiais na escola a qual frequentem.

O curso de pedagogia da UFMA, não adota a concepção ou pelo menos de modo prático, de relacionar-se com a sala de recursos, deste modo, a única alternativa que nos resta é pensar em uma realidade distante, como algo que não fosse de nossa competência. Tendo apenas a ignorância de conhecimento a respeito desse tema, pois não basta servir-se apenas de leituras esporáveis, sendo necessário ter contato, conhecer os profissionais que atuam nesse ambiente, enfim, tudo que gere o processo escolar e educacional é de competência do pedagogo.

Assim, este artigo tem por objetivo relatar essa ação de visita a sala de recurso em busca de promover conhecimento a respeito da realidade da escola escolhida, no tange a oferta da do Atendimento Educacional Escolar – AEE.

A educação especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o atendimento educacional especializado, disponibiliza os serviços e recursos próprios desse atendimento e orienta os alunos e seus professores quanto a sua utilização nas turmas comuns do ensino regular. O atendimento educacional especializado identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando as suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela. (BRASIL, 2008, s/p)

Por ser esse instrumento de apoio ao ensino regular, devemos nós, futuros profissionais de educação, estarmos atentos às relações e contextos que abrange a educação

especial, a fim de que no futuro saibamos identificar os problemas e intervir com maior propriedade em conjunto com o profissional da sala de recurso.

METODOLOGIA

A proposta foi colocada durante o desenvolvimento da disciplina de Metodologia e Prática da Educação Especial, na época ministrada pela professora Maria (nome fictício), idealizadora da proposta, que nos incentivou a conhecer a sala de recurso, tendo em vista aliar conteúdos/conhecimentos trabalhados durante a disciplina com o contexto da escola. Perceba que o tom destacado, não se trata de um procedimento normal à execução da disciplina, mas de algo tomado singularmente ao planejamento docente da professora a ocasião.

A iniciativa contou com a breve organização do itinerário formativo que comporta a ementa da disciplina, caracterizando assim um planejamento para que tudo acontecesse pedagogicamente alinhado aos objetivos que se propunha a mesma. Do ponto de vista do projeto político pedagógico do curso de pedagogia da UFMA, em suas dimensões de base para formação do perfil profissional, considera a

c) INVESTIGAÇÃO - Implica no desenvolvimento de uma atitude de permanente análise da realidade, no domínio de processos de investigação e diagnósticos sobre a sala de aula, a escola e o sistema educacional, levantando e organizando dados empíricos, descrevendo situações e processos a partir das situações evidenciadas, as políticas educacionais e educação. (UFMA, p/14, 2007)

Apresenta-se então, a justificação para que investiguemos essa realidade escolar que ainda não fora compartilhada, mas que agora se nos intimava a conhecê-la. Nossa visita técnica, assim intitulada, contemplou a investida em dois dias à sala de recursos, no primeiro dia fomos a uma sala tipo 1 e no segundo dia uma sala tipo 2, ambas localizadas em uma escola que recebe alunos com necessidades educacionais especiais e que pela primeira vez dispunha dos dois tipos de sala.

Quanto à visita técnica constata-se que

Tal atividade é um meio de adquirir conhecimento, pois se for usado de forma objetiva possibilita ao aluno aprendizado, uma vez que amplia sua visão para uma nova leitura do mundo. A visita técnica com o fim pedagógico proporciona unir o aprendizado ao lúdico. Com isso os alunos vão conhecer novos lugares, conhecer novas culturas, aceitar as diferenças do próprio grupo e do lugar visitado, ter responsabilidades, flexibilidade, lidar com possíveis situações inusitadas, divertirem-se, fatores os quais vão prepará-los para a vida adulta.

No planejamento da visita técnica devem ser produzidos os roteiros pedagógicos, em que os alunos podem ter contato com diversas informações do local visitado: os recursos naturais, históricos, culturais e sociais que possam proporcionar e facilitar o aprendizado *in loco*. Esses conhecimentos aprendidos durante a viagem irão proporcionar uma visão ampla de mundo, trazendo novos conhecimentos e ensinamentos para sua vida cotidiana. (SANTANA, GOMES, s/p, 2016)

Desta forma, podemos perceber os benefícios que a visita técnica pode proporcionar a formação acadêmica do estudante com o seu futuro campo de atuação. Quanto às salas de recurso, estas são divididas em dois tipos para que o público-alvo possa ser melhor atendido. No caso da sala de recursos – tipo 1, o atendimento é para aquelas pessoas com deficiência intelectual, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/ superdotação, já a sala de recursos - tipo 2, é destinada a pessoas que tenham cegueira, baixa visão ou surdez.

Para a eventual visita, foi-nos concedido um momento de conversas com as professoras, a fim de compreender através de suas falas como se operacionaliza esse Atendimento Educacional Especializado – AEE.

A visita a sala de aula da professora Ana (nome fictício) foi realizada no dia 13 de maio de 2017, torna-se um espaço inovador a medida que se configura como experiência pioneira na minha formação inicial do curso de pedagogia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Não trata-se apenas de uma visita mas de uma oportunidade de escuta a esses profissionais que muitas vezes são deixados sós em seu trabalho humanizador.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É válido ressaltar que as experiências aqui descritas são oriundas do momento de conversa que tivemos com a professora, que já há muito tempo atua dentro da sala de recurso, que além da formação necessária possui curso em psicopedagogia, área que trabalha com dificuldades de aprendizagem, aliando mais propriedade em sua atuação profissional.

Somente a cargo de antecipação, para o término da visita a professora pediu que escrevêssemos a respeito de algum aspecto que nos chamasse atenção, mas, embora o objetivo constasse de apenas um escolhido, tal proposta se conjugou pessoal em um encantamento por vários aspectos ali detalhados, que são de grande importância para o bom desenvolvimento de todos os alunos e não apenas aqueles que recebem a educação especial.

Inicialmente, merece destaque o contato inicial, em que está compreendido tanto o caráter afetivo quanto o processo de avaliação inicial do aluno. Embora a criança seja encaminhada para a sala de recurso quase sempre com um laudo, a professora Ana não inicia

seu trabalho sem uma prévia avaliação, esta medida serve para analisar se realmente, as condições as quais o aluno chega a sala de recurso consiste de fato a uma necessidade que ela possa atender, ou se traduz em outra especialidade pedagógica, e se existe realmente a necessidade.

Nessa avaliação inicial, não se parte logo para trabalhos mais direcionados, pelo contrário, Ana faz questão de trabalhar com o aluno desde os princípios básicos de desenvolvimento, com brincadeiras e atividades lúdicas que articulam aspectos como a lateralidade, a psicomotricidade, as questões de espaço, etc.

Esse interesse inicial reflete a preocupação pedagógica que influenciará em diversos aspectos da vida desse aluno e também na proposição das atividades direcionadoras, pois se o aluno não aprende desde os princípios básicos de desenvolvimento, torna-se mais difícil suas diversas aprendizagens futuras.

A professora Ana ainda possui um olhar mais apurado por ter em sua formação o curso de psicopedagogia, nesse âmbito, deve articular melhor as questões de psicomotricidade, por exemplo.

Segundo Fonseca (1988), a psicomotricidade atualmente é concebida como a integração superior da motricidade, produto de uma relação entre o indivíduo e o meio, na qual a consciência se forma e se materializa.

O poder agir, o poder sobre o próprio corpo, de acordo com Lapierre (1988) e a descoberta deste "poder agir" associado ao "poder sentir" é o que traz uma nova dimensão ao prazer do movimento, é o prazer de ação, de vivenciar as coisas simples e complexas. O qual o prazer de viver o próprio corpo é experimentar o prazer do movimento em si mesmo. (MOURA, 2014, s/p)

Percebe-se que as atividades psicomotoras, influenciam diretamente na vida do indivíduo em sociedade, sendo, portanto, indispensáveis a formação cidadã. Durante a escrita foram pontuadas questões sobre as noções espaço-temporais e sua contribuição para o desenvolvimento, sendo necessário falar ainda sobre a lateralidade da criança, também em caráter essencial neste processo, entre outros que servem como premissa para aprendizagens importantes para a vida em sociedade.

Admitindo conhecer as limitações do aluno, nos é oportunizado agir com mais convicção sobre eles, não podemos por exemplo, forçar um aluno a escrever perfeitamente com a mão direita, caso ele seja canhoto. Logo, quando as atividades tornam-se sufocantes, a aprendizagem fica debilitada e podem acontecer traumas nessa relação professor-aluno, deixando fragilizada a relação ensino-aprendizagem.

Deste modo, encontramos espaço para falar sobre afetividade em relação a aprendizagem.

Quanto à inteligência, Wallon diz, que toda a atividade cognitiva, ou seja, todo o armazenamento organizado de informações da criança implica em sua origem, seu desenvolvimento ou sua conclusão, inevitáveis componentes afetivos que por si mesmo impulsionam a aprendizagem. Este pensador da emoção alerta também, que, se o professor tiver conhecimento do conflito eu-outro na construção da personalidade, onde costuma surgir por vezes hostilidade da criança em relação ao professor; tanto pela falta de êxito da criança, pela severidade do professor, por motivos pessoais oriundos da família, quanto por problemas afetivos de origem psíquica, então diante de todos esses aspectos, nós professores poderemos receber essas atitudes com mais tolerância e não tomá-la como afrontas pessoais. (BEZERRA, 2006, p/24)

Destarte, tendo conhecimento dessas relações que cercam o aluno, o professor poderá agir ou buscar auxílio de forma mais clara e segura, sem imprimir preconceito ou reforçar qualquer outro aspecto que esteja prejudicando o desenvolvimento ou a interação dessa criança com o meio ao qual faz parte.

Há de se considerar que a professora não utiliza apenas de uma abordagem teórica, o que contribui para seus conhecimentos atuação na educação especial, pois de acordo com Magalhães (2011, p. 93) “Na educação especial os estudos sobre aprendizagem e desenvolvimento humano são necessários na medida em que nos ajudam a compreender melhor a diversidade de estratégias e ritmos de aprendizagem apresentadas por nossos alunos em sala de aula.

Portanto é indispensável, o aprofundamento de estudos na área da educação especial, sendo também de grande importância que a escola, saiba qual o seu papel. Segundo Magalhães (2011, p. 100) “[...] Cabe à escola considerar que os caminhos de aprendizagem e desenvolvimento em alunos com deficiência tem peculiaridades e que não importa a deficiência em si, mas como o meio cultural e a escola lida com isto. ”

É necessário dizer que a professora possui um papel fundamental, porém a educação não se faz sozinha, é crucial que haja articulação entre todos os atores da escola para que ocorra inclusão e não máscaras desta sejam propagas.

[...] A partir do processo de democratização da educação se evidencia o paradoxo inclusão/exclusão, quando os sistemas de ensino universalizam o acesso, mas continuam excluindo indivíduos e grupos considerados fora dos padrões homogeneizadores da escola. Assim, sob formas distintas, a exclusão tem apresentado características comuns nos processos de segregação e integração que pressupõem a seleção, naturalizando o fracasso escolar. (BRASIL, 2008, s/p)

Devemos nos posicionar contra todo e qualquer pretexto que desvirtue a inclusão por conta das diferenças. Lembrando de que ao pensarmos nesse contexto de inclusão, segundo na Resolução CNE/CP nº1/2002 (BRASIL, 2008, s/p), torna-se clara quando “define que as instituições de ensino superior devem prever em sua organização curricular formação docente voltada para a atenção à diversidade e que contemple conhecimentos sobre as especificidades dos alunos com necessidades educacionais especiais.” Ora, não estamos falando de algo impossível e sim de proposta já reconhecida nacionalmente.

Quanto a postura da professora em sala de aula, vimos um grande empenho e esforço para que a aprendizagem das crianças acontecesse. Pensando nisso, Edler Carvalho (2004) nos diz o seguinte:

O que se pretende na educação inclusiva é remover barreiras, sejam elas extrínsecas ou intrínsecas aos alunos, buscando-se todas as formas de acessibilidade e de apoio de modo a assegurar (o que a lei faz) e, principalmente, garantir (o que deve constar dos projetos político-pedagógicos dos sistemas de ensino e das escolas e que deve ser executado), tomando-se as providências para efetivar ações para o acesso, ingresso e permanência bem-sucedida na escola.

A experiência com a professora da sala de recurso foi inspiradora, é possível enxergar nela, essa postura atrevida da qual, saudosamente, Edler fala, o seu modo de sonhar e realizar os objetivos pedagógicos nos incentivam a querer ir mais longe e nos levam também a refletir sobre a ideia que tínhamos a respeito desse espaço aprendizagem.

CONCLUSÃO

Realizar essa visita a sala de recurso foi sem dúvida uma experiência muito rica na formação acadêmica e profissional aos estudantes da disciplina de metodologia e prática da educação especial. O ponto mais positivo observado na fala da professora da sala de recursos, diz respeito, ao seu trabalho didático, que pode ser utilizado tanto com alunos com deficiência crianças com necessidades educacionais especiais, como pelas outras crianças que também possuem necessidades diferenciadas quanto ao próprio processo de aprendizagem, sócio e historicamente adquirido.

Esta vivência possibilitou ampliar o nosso campo de visão, a partir de agora sei como agir quando estiver em uma escola que oferta o AEE, o mudou totalmente a minha visão. Tendo em vista, de nunca ter acesso a esse profissional da sala de recurso, insinuava-me a pensar que nada tinha a ver com a minha formação e que estes eram por natureza individualista

quanto ao trabalho pedagógico que desenvolviam, mas a visita provou o contrário. Não basta que a escola se diga de todos se nem todos vivem esse processo de educar de forma consciente e integrada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Ricardo José Lima. **AFETIVIDADE COMO CONDIÇÃO PARA A APRENDIZAGEM: HENRI WALLON E O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA A PARTIR DA EMOÇÃO**. Revista Didática Sistemática, ISSN 1809-3108, Volume 4, julho a dezembro de 2006. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/redsis/article/viewFile/1219/515>>.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília - Janeiro de 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc_especial.pdf>. Acesso em 10/10/2017.

EDLER CARVALHO, Rosita. **Educação inclusiva: com os pingos nos “is”**. Porto Alegre: Mediação, 2004. 176p

MAGALHÃES, Rita de Cássia Barbosa Paiva. **Contribuições para o debate sobre a aprendizagem da pessoa com deficiência na escola**. Educação inclusiva e escolarização: política e formação docente. – Brasília: Liber. 2011

MOURA, Romulo Gabriel Caccavo. **A lateralidade como ferramenta essencial do desenvolvimento infantil nos primeiros anos do ensino fundamental**. Disponível: <<http://www.efdeportes.com/efd197/a-lateralidade-como-ferramenta-do-desenvolvimento.htm>>.

RAMOS, Andréia Ruth Fortaleza; LOPES, Kézia Claudino; MARTINS, Nilvânia Vieira. **A CONSTRUÇÃO DAS NOÇÕES ESPAÇO-TEMPORAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SITUAÇÕES PEDAGÓGICAS**. Campina Grande, REALIZE Editora, 2012. http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/431fc863d4d215b7e08ae02c1adda43f_1965.pdf

SANTANA, Edsom Rosalino; GOMES, Fabiana. **Visita técnica como prática pedagógica para o ensino de química**. Disponível em: <<http://www.eneq2016.ufsc.br/anais/resumos/R0150-2.pdf>>. Acesso em 14/10/2017.

UFMA. **Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia**. 2007. Disponível em: <<http://www.ufma.br/portalUFMA/arquivo/Oc0sXZD9CxtFrI9.pdf>>. Acesso em 10/10/2017.